

OS EFEITOS DA AUTOEROTIZAÇÃO NA VIDA COTIDIANA DO INDIVÍDUO CONTEMPORÂNEO***THE EFFECTS OF AUTOEROTIZATION IN THE DAILY LIFE OF THE CONTEMPORARY INDIVIDUAL***

Renato Vinicius Mutz Nunes¹

Marcela Ribeiro Pacheco Paiva²

RESUMO: O autoerotismo é um conceito psicanalítico que perpassa grande parte da teoria, servindo como base para explorar a formação de relações do indivíduo com o mundo. A expressão do autoerótico na sociedade pode ser visto através de diferentes óticas, inclusive a sexual, onde a masturbação assume como seu principal representante desde os primeiros contatos do sujeito com seu desejo. Apesar de serem teorizadas no início do século XX, essas estruturas ainda servem como valiosas formas de exploração do indivíduo pós-moderno, com as devidas contextualizações. O indivíduo se caracteriza cada vez mais pelo seu contato com o mundo gradualmente mais virtualizado, o culto incessante da figura do Eu e o individualismo nas relações humanas, com foco em ganho próprio. Desta forma, este estudo busca explorar, através de uma pesquisa bibliográfica, como a teoria psicanalítica explica o autoerótico, desde sua formulação inicial na teoria Freudiana, até as configurações atuais da sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Autoerotismo; Masturbação; Indivíduo pós-moderno.

ABSTRACT: Autoeroticism is a psychoanalytic concept that permeates a significant portion of the theory, serving as a foundation for exploring the individual's formation of relationships with the world. The expression of Autoeroticism in society can be seen through different perspectives, including the sexual aspect, where masturbation serves as its primary representative from the individual's earliest encounters with their desire. Despite being theorized in the early 20th century, these structures still serve as valuable means of exploring the postmodern individual, with appropriate contextualization. The individual is increasingly characterized by their gradually more virtualized contact with the world, the incessant worship of the self, and individualism in human relationships, with a focus on self-gain. Thus, this study aims to explore, through a bibliographic research, how psychoanalytic theory explains Autoeroticism, from its initial formulation in Freudian theory to the current configurations of contemporary society.

Keywords: Autoeroticism; Masturbation; Post-modern individual.

1 INTRODUÇÃO

A psicanálise é uma via teórica originada e fomentada desde o século XIX, utilizada para compreender e articular a organização psíquica ser humano, tendo como seu

¹ Centro Universitário Salesiano - UniSales. Vitória/ES, Brasil. renatomutz@gmail.com

² Centro Universitário Salesiano - UniSales. Vitória/ES, Brasil. marcela.paiva@salesiano.br

principal representante, Sigmund Freud. A teoria psicanalítica se fundamenta, entre outros aspectos, na importância da sexualidade e do inconsciente, o que possibilita a interpretação teórica de diferentes fenômenos psíquicos. Com isso em vista, o contexto cultural que rege a realidade do sujeito, não pode ser ignorado (Levy *apud* Stacechen; Bento, 2008).

Dentre os conceitos psicanalíticos, o autoerotismo serve como base teórica para explicar fenômenos da sexualidade, a qual pressupõe a capacidade do indivíduo em investir energia sexual no próprio corpo, em busca de satisfação autossuficiente. A principal expressão física é através da masturbação, um ato de autoprazer que surge nos primeiros contatos com o objeto de desejo primário, representado pelo seio materno. Sendo um conceito teórico baseado na subjetividade humana, é seguro dizer que as dinâmicas atreladas ao autoerotismo se alteraram através das décadas junto com o desenvolvimento social e tecnológico, tornando o objetivo geral de pesquisa bibliográfica, analisar e descrever a compreensão da teoria psicanalítica do autoerotismo e masturbação na contemporaneidade (Ceccarelli, 2015).

Englobado de um contexto histórico vitoriano, Freud caracteriza a masturbação como vício primário, inclusive incumbindo como uma característica infantilizada do indivíduo incapaz de suportar suas tensões sexuais e de não conseguir conter sua busca por constante satisfação. Na pós-modernidade, novos moldes relacionais são adotados inclusive para sexualidade, tornando assim necessário traçar o objetivo de elucidar a evolução da teoria psicanalítica em torno da masturbação atrelada ao autoerotismo (Ceccarelli, 2015).

As mudanças na formação subjetiva humana, provenientes do avanço social e tecnológico já citados, potencializam os questionamentos acerca de como a vida cotidiana pode ser influenciada pela via sexual do sujeito, tornando viável a busca por demonstrar teoricamente, através da psicanálise, quais os efeitos da autoerotização na vida cotidiana dos indivíduos. Esta demonstração teórica também deve levar em consideração uma das principais ferramentas contemporâneas, a internet, que possui influência direta em todas as esferas sociais e subjetivas, sendo válido buscar compreender a possível influência da internet no processo contemporâneo de autoerotização.

A psicanálise oferece embasamentos teóricos que auxiliam a compreensão das diferentes formas de ser e, não obstante disso, consegue fomentar discussões importantes de como os moldes sociais influenciam o processo de subjetivação. Sendo assim, torna-se viável a pesquisa bibliográfica que englobe o traçado conceitual de forma histórica e adequada às diferentes realidades, buscando oferecer esclarecimento quanto à possibilidade, colocada como hipótese de pesquisa, de o fenômeno de autoerotização ter sido potencializado pelos moldes sociais que valorizam o individualismo, gerando reflexos na busca do autoprazer, no foco em satisfações rápidas e a potencialização do Eu.

Através dos objetivos de pesquisa traçados, busca-se então articular os diferentes autores clássicos e contemporâneos em torno do tema, estabelecendo assim relações potencialmente valiosas para compreensão do ser humano pós-moderno, em seu contato com as transformações que o mundo continua a apresentar.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O CONCEITO DE AUTOEROTISMO E MASTURBAÇÃO NA PSICANÁLISE

O autoerotismo, é definido por Roudinesco e Plon (1997/98) como um ato infantil no qual o sujeito encontra prazer no próprio corpo, sem necessidade do outro. Este ato compreende um dos fenômenos primários da vida sexual da criança, permitindo um movimento de independência através da constituição de alteridade perante ao outro. Assim, o autoerotismo retira a dominação completa do objeto externo como retentor de toda capacidade de satisfação, permitindo autonomia do indivíduo.

Em consonância, o autoerotismo consegue oferecer obtenção de prazer no próprio corpo ao apresentar formas de investimento libidinal no próprio sujeito, se afastando de objetos externos. Como citado anteriormente, a masturbação assume como principal representante do processo de autoerotização, proporcionando satisfação imediata e constante através de fantasias, formando um ciclo de prazer em volta do próprio eu. Desta forma, através de um movimento autoerótico, surgem os primeiros traços da sexualidade infantil, característica levantada por Freud como ponto de partida da formação subjetiva, que potencialmente influenciaria nas formas de busca por satisfação sexual durante toda experiência do indivíduo (Freud *apud* Costa e Oliveira, 2012).

Portanto, o autoerotismo está relacionado à característica de obter satisfação no próprio corpo, principalmente quando o objeto de desejo não se encontra presente. Para simular a satisfação que esse objeto gera, o indivíduo utiliza-se da representação fantasiosa dele, que sendo irreal assume um caráter chamado de alucinatório, afim de obter prazer. É teorizado que esta forma de funcionamento, após passada a fase autoerótica, pode ter origens diferentes, pode ser decorrente de diversas causas, como por exemplo eventos traumáticos que retiram do sujeito grande parte das suas habilidades de contato com o mundo. Em alguns casos, o recurso a essa forma de erotismo pode evoluir para adicção, tornando-se o único meio de obtenção de satisfação que o indivíduo consegue buscar (Freitas, 2013 *apud* Farias, 2015).

Na concepção de Freud em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1903), a masturbação se coloca como movimento de exploração, que tem origem no contato com o seio materno durante o período de amamentação, e que ainda utiliza um objeto externo até então indistinguível do sujeito. A partir da evolução sexual, a masturbação começa a ser atrelada a fase anal, com diferentes interações com as fezes e até mesmo com o ânus. Somente na terceira fase, já na puberdade, que a masturbação assume o caráter amplamente conhecido e é alocada na parte genital, e que era a parte de fato levada em consideração, até os apontamentos de Freud.

Além das zonas erógenas, também foi postulado como a masturbação se desloca por toda superfície do corpo, assumindo diferentes formas que buscam o prazer principalmente remetendo-se a satisfações anteriores. Durante sua evolução teórica, Freud assume a posição de despatologizar a masturbação e a colocar dentre o viés das dinâmicas pulsionais. Assim, a masturbação só é associada a uma patologia quando existe uma vívida fixação na realização de fantasias anteriores, o que produz um desprendimento da realidade objetiva e possivelmente produziria uma neurose cercada de sintomas (Pinto; Pacheco; Prado; 2022).

Desde a concepção freudiana, os moldes sociais e as formas de lidar com a sexualidade se alteraram em níveis consideráveis, sendo necessário a atualização teórica da psicanálise partindo do comprometimento ético atrelado à prática. Um fator de extrema importância na sociedade pós-moderna é a utilização cada vez maior da internet, a qual influencia as diferentes camadas da sociedade e da subjetividade humana. A introdução de uma ferramenta que permite a potencialização do

imediatismo e permite o consumo desenfreado de conteúdos cada vez mais específicos a cada usuário, gera efeitos dignos de atenção, principalmente em um traçado sócio-histórico das transformações que ocorreram.

2.1.1 “Demonização” da masturbação

Durante o século XVIII, a masturbação recebeu o título de patologia ao ser associada a diversos efeitos nocivos em nível físico e psíquico, principalmente nos jovens e crianças. Nesse contexto, se iniciam campanhas associadas ao higienismo social com a intenção de patologizar a masturbação e exigir dos pais o exercício cada vez mais rígido do controle da sexualidade dos seus filhos. A produção científica na época corroborava essas práticas, iniciando assim um processo de pedagogia das próprias expressões de sexualidade (Foucault *apud* Barros, 2017).

A formatação matricular da ciência nas escolas no contexto do século XVIII buscava reproduzir naturalizações sociais de cunho moralista, buscando através disso formar indivíduos regidos pela normatividade, excluindo o restante que fugia a esta regra. A crença estabelecia que o ser humano tinha uma natureza que perpassa o nascimento, reprodução e morte, repudiando qualquer experiência que visasse somente o prazer. Nessa equação não tinha espaço para nenhuma outra forma de experiência, como é o caso da masturbação, que não apresentava função reprodutiva e até em certo nível associada a prejuízos no desempenho sexual (Barros, 2017).

O século XX representou um recorte da história que iniciava sua transformação de um modelo social vitoriano, totalmente moralista e rígido, para um contexto de elevação do positivismo e da ciência, atrelado ao avanço de guerras e conflitos de escala global. Bauman (2017) nomeia essa sociedade em transformação como “moderna-sólida”, a qual buscava produzir soldados nas crianças através do controle parental cada vez mais rígido e legitimado. Uma das expressões desse controle era o alerta aos “perigos da masturbação”, carregada de estigma de descontrole e perversão que foram amplamente analisados por Freud e outros estudiosos da época. Esse controle buscava captar confissões desses atos vistos como pecaminosos e associados principalmente ao vício na idade infantil, que eram repletos de armadilhas coercitivas para flagrar o ato e trazer à tona para correção.

Essa busca incessante por controlar esses impulsos era corroborada pelo discurso de proteger o próprio indivíduo de suas possíveis perversões ou descontroles sexuais, os quais já eram associados através do moralismo judaico-cristão a desvio das normas sociais impostas e os tornariam escravos dos seus próprios desejos, alienados para a sua própria vontade, reféns do prazer (Bauman, 2017). Os efeitos eram colocados como consequências do ato pecaminoso da masturbação, dentre eles podem ser citados sentimentos de melancolia, vertigens, e até mesmo diferentes níveis de demência. Dessa forma, a sexualidade é utilizada como parâmetro de normalidade para lógicas moralistas, buscando excluir qualquer heterogeneidade. Na contemporaneidade a masturbação continua a ser carregada com caráter de culpa, colocada como assunto privado e proibido, demonstrando assim como as influências sócio-históricas focam no controle de processos naturais através da exploração de estruturas inerentes ao ser humano (Ceccarelli, 2015).

Justamente em formas de controle, a masturbação da idade moderna se transforma em um encontro com o consumo e produção de conteúdo pornográficos, e que na atualidade apresenta o processo de iniciação à sexualidade e a masturbação fálica principalmente no público masculino, desde a infância. A pornografia surge nesse

mercado de prazer, inicialmente sendo exibida de forma muito menos explícita e mais voltada ao obsceno, porém, com a constante exploração de figuras de fantasia presentes no meio social e explorando o corpo feminino em prol disto. Com a evolução das formas de mídia, a pornografia passa a ser exibida em revistas, filmes e outros tipos de expressão, atingindo uma gama ainda maior de público e passa a estar presente na experiência sexual da maior parte dos indivíduos (Mascarenhas, 2022).

Atualmente, a forma mais consumida de pornografia são vídeos, os quais aparecem presentes em diferentes plataformas e mídias sociais, e respeitam uma norma do chamado consumo da velocidade, o qual visa o imediatismo como indica o termo. Assim, os vídeos no geral buscam ir direto a progressão esperada e trazer a satisfação do orgasmo através da masturbação de forma ágil e constante, em consonância total com as formas midiáticas atuais que seguem o mesmo regimento em seus vídeos rápidos, rasos e abundantes. Além disso, a pornografia permanece sendo produzida majoritariamente para o público masculino, buscando valorizar as fantasias masculinas regidas pela violência e dominação, através da exploração de mulheres e outros públicos colocados socialmente como minorias (Mascarenhas, 2022).

O consumo desenfreado de pornografia associado a masturbação gera sofrimento nos indivíduos quando se cai na caracterização de adição. Os sujeitos passam por um processo de culpabilização e relatam sentimentos de descontrole perante as próprias vidas. Através de pesquisas feitas com o público masculino que consome pornografia, traz relatos de uma perspectiva de melhora na vida cotidiana como um todo a partir do abandono da masturbação, associada principalmente a um gasto de energia, o qual na concepção dos participantes, não os permite investir em outras atividades (Resende, 2023).

A masturbação pode existir à parte da pornografia, porém, não se pode negar a constante convergência entre ambos, principalmente no que se diz sobre o suporte que esse tipo de conteúdo permite a prática autoerótica. Outro ponto de convergência se diz na privacidade que o consumo de pornografia assume, assim como é visto na masturbação como um todo, em seu aspecto real e simbólico de autossuficiência, na busca por completude e independência do outro (Neto; Ceccarelli, 2015). Em um modelo social que valoriza a independência e o consumismo, a masturbação associada a pornografia aparece como reflexo direto dessa **forma de subjetivação**, em uma suposta independência de prazer através do consumo de conteúdos cada vez mais específicos para as fantasias individuais.

2.2 AS INFLUÊNCIAS ESTABELECIDAS ENTRE A VIDA SEXUAL E COTIDIANA

Em um modelo de sociedade voltado ao culto do Eu, a busca por autoafirmação aparece em diferentes âmbitos, característica colocada por Stacechen e Bento, (2008) como uma cultura do narcisismo, com exacerbão do individualismo, podendo ser presenciado no culto da beleza e no foco pelo autoprazer. Inflar o próprio eu, mesmo que tenha um caráter individualista, também utiliza do Outro como critério, principalmente ao assumir uma imagem que seja socialmente aceita e valorizada por pessoas no contato interpessoal, possibilitando assim uma exaltação própria através da aprovação alheia.

No caráter sexual, a masturbação assume forma primária de satisfação e reafirmação própria, sendo regida de forma individualizada. Em “O debate sobre a masturbação”, Freud (1912) postula sobre alguns efeitos considerados nocivos atrelados ao ato, sendo um deles o efeito orgânico, que reside no exagero que possivelmente tira a

capacidade de inibição e espera para adquirir prazer à longo prazo. Também poderiam ser estabelecidos padrões psíquicos, tornando o indivíduo inerte, ao não precisar se adaptar ao mundo externo para buscar satisfação de seus desejos, já que consegue satisfazer-se sozinho em suas próprias fantasias.

Freud também postula a presença da infantilidade da sexualidade associada à masturbação residindo em um conjunto de fatores, que formam um indivíduo alocado a uma postura voltada ao princípio do prazer, novamente extinguindo a busca de satisfação externa. Além disso, Freud traz as primeiras associações entre a masturbação e o desenvolvimento de vícios, caracterizando na época como uma adição primária que dá abertura para futuras. Como citado anteriormente, a relação entre masturbação e vício persiste, principalmente quando associada a formas de consumo, como é o caso da pornografia (Stacechen; Bento, 2008).

A adição associada ao autoprazer é trabalhada nas postulações de Freud em “Contribuições a um debate sobre a masturbação” (1912), explorando como o vício assume assim uma forma de intoxicação de prazer, iniciando um processo de recusa do Outro e voltando-se a si, buscando uma satisfação imaginária e autoerótica. A fantasia permanece como um agente presente na subjetividade humana, assumindo diferentes formas com o passar das décadas, reforçando a criação de novos caminhos para a satisfação. Na sexualidade a masturbação continua a assumir um caráter de realização solitária e independente, a qual pode se colocar de forma totalmente idealizada e a dispor da fantasia do sujeito. Essa lógica autoerótica é exemplificada através da disposição consumista, a qual assume uma válvula de escape para fugir à angústia do vazio gerado pelas insatisfações usuais, preenchendo assim com prazeres substitutivos e que se repetem de forma imediata e fácil ao sujeito. (Stacechen; Bento, 2008).

No contexto clínico, a masturbação continua a surgir com funções autoeróticas, mas vem também apresentando outros moldes principalmente pensando nos relacionamentos amorosos. Em alguns indivíduos a expressão da masturbação serve ao propósito de negar relações sexuais que envolvam outras pessoas, em um ato narcísico de troca do Outro por si, em um ato de rebeldia que busca reafirmar sua independência como indivíduo que consegue sustentar as próprias satisfações, independentemente de qualquer um, inclusive do parceiro. Assim, a masturbação assume nesse molde um ato associado a certo nível de agressão, se afastando do relacionamento com o parceiro e impedindo mudanças na relação. Como pontuado, esse é um exemplo principalmente traçado em contexto clínico, e demonstra vividamente como o processo de individualismo vende a imagem de independência mesmo quando se formula a partir de sentimentos que envolvem outros indivíduos (Alencar, 2016).

É válido citar novamente os estudos realizados com indivíduos que consomem pornografia para masturbação, sendo composto principalmente pelo público masculino. A análise do discurso exprime como a pornografia associada à masturbação gera efeitos de rebaixamento de autoestima dos sujeitos, os colocando em estado de fechamento para o mundo exterior e uma retroalimentação dos desejos sexuais. Os participantes também expõem como preferem de fato se masturbar ao invés de se colocar em atividades性uais, o que interfere em seus entrelaces interpessoais e não permite uma progressão para níveis românticos (Resende, 2023).

O princípio do prazer está altamente atrelado ao processo de masturbação, principalmente levando em consideração como a criança no início da sua vida começa

a utilizar da fantasia para satisfazer seus desejos sexuais. Esse contato com o autoprazer é o que dá início ao distanciamento do indivíduo da sua expressa realidade, desviando a necessidade orgânica de aguardar a satisfação e dando controle ao sujeito de quando e como atingi-la, iniciando o contato do sujeito na relação entre princípio do prazer e da realidade (Salztrager, 2006).

2.3 PRINCÍPIO DO PRAZER E PRINCÍPIO DA REALIDADE

A obtenção de prazer faz parte da experiência do indivíduo desde o seu nascimento, onde o desejo latente se apresenta como um vazio que precisa ser preenchido com a satisfação, sendo de exemplo mais claro a criança que chora para obter alimento através do seio materno, que configura simbolicamente o objeto de desejo. A partir de constatações sobre as influências do desejo, Freud postula em “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico” (1911/2011) a sua concepção sobre como o sujeito encontra mecanismos para ir de encontro a sua satisfação, regidos prioritariamente por dois princípios: do prazer e da realidade.

A busca da satisfação de forma constante e fácil faz parte do regimento da subjetividade, conduzido principalmente pela lógica do princípio de prazer, porém, a realidade nem sempre permite que essa configuração seja favorecida. O mundo real exige do sujeito grande esforço para obter o que se deseja, além de demandar grandes períodos de latência, o que representa o intervalo de tempo entre o desejo e a sua satisfação, colocando o sujeito em constante contato com a angústia da falta. Como abordado, a masturbação surge já nas primeiras experiências como artifício que permite a busca por satisfação através do autoerótico, ou seja, utilizando fantasias e ações no próprio corpo, dando certo nível de autonomia do desejo (Freud, 1911/2011).

O autoerótico permite uma válvula de escape para o latente princípio do prazer, oferecendo ao indivíduo conhecimento dos seus próprios desejos e o desenvolvimento da sua individualidade. Apesar da sua importância, Freud (1911/2011) postula como o indivíduo possui a tendência econômica de energia, que representa a busca pelas formas de menos gasto de energia em direção às múltiplas interações do organismo, inclusive na sua busca pela satisfação. Essa premissa corrobora com a constante inclinação do sujeito a suas expressões voltadas ao princípio do prazer, porém, como já expresso, a realidade exige melhores formulações nessa busca, o que geralmente vai no caminho contrário da solução mais fácil e econômica.

Nessa via, o princípio da realidade consiste justamente na maturação que o sujeito é colocado à prova ao entrar em contato com o mundo exterior, em seus diferentes desafios, dilemas e limites. O mundo exige do sujeito um maior nível de resistência e controle, coloca-o em posições de privação, remodelação e autocontrole perante ao que se sente, quer e busca. O regimento é necessário para a adequação às normas sociais, permitindo a busca por satisfações de forma a longo prazo, com melhores constituições simbólicas e bases na realidade imediata (Freud, 1911/2011).

A necessidade de investir tempo e energia em diferentes atividades, as quais não necessariamente geram prazer imediato, pode gerar desprazer quando comparado ao imediatismo e constância de processos autoeróticos, porém, permitem a organização do indivíduo perante um mundo que constantemente exigirá tais formas de restrição e investimento. Ambas as formas permanecem na subjetividade, porém, o princípio da realidade acaba por permitir ao sujeito a capacidade de encarar o mundo, onde os prazeres precisam ser trabalhados para serem adquiridos, isso

através do respeito às leis e normas sociais que envolvem as relações interpessoais. Assim, o princípio da realidade surge como forma de organizar e delimitar a subjetividade do indivíduo, guiando assim para realizações possíveis de desejos latentes (Freud, 1911/2021).

Entrar em contato com o desejo através do princípio da realidade estabelece uma relação contextualizada entre o sujeito e sua busca por prazer. Essa lógica é valorizada socialmente e percebida culturalmente por diferentes expressões, como é o caso da religião judaico-cristã, a qual nesta mesma alegoria valoriza o abandono dos prazeres carnais para receber a salvação eterna. É importante realizar a distinção dessa utilização, onde o princípio do prazer continua sendo parte integrante e essencial para formação psíquica, ele persiste existindo em menor intensidade e domínio, mas ainda exercendo sua função fantasística de satisfação para o sujeito. Na concepção freudiana, se afastar do princípio do prazer é deixar de lado o seu “Eu-de-prazer”, a instância subjetiva voltada para obter prazer, e se aproximar do seu “Eu-realidade”, a instância voltada ao mundo externo e desejos palpáveis, levando o sujeito de encontro a bases instintivas com direcionamento ao amor objetal (Freud, 1911/2021).

A sociedade pós-moderna é regida por formas de pensar que prezam filosofias hedonistas, sendo assim abandonar a busca constante por prazer imediato torna-se uma tarefa amplamente mais complexa e multifatorial, incluindo aspectos sociais, como a proliferação de redes sociais e a valorização do autoprazer, vendida e incentivada ao sujeito. Essa forma de experiência é cômoda e coloca o indivíduo em constante êxtase perante as tribulações da realidade, sendo criticável inclusive como mecanismo de controle.

2.4 AS INFLUÊNCIAS NO PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO DO INDIVÍDUO CONTEMPORÂNEO

O contexto sócio-histórico atual traz formatações sociais únicas, com uma realidade social voltada para acumulação de capital através da fomentação de competitividade entre as pessoas. Neste meio, o individualismo surge como de forma naturalizada, que sugere o despreendimento do outro, em âmbitos emocionais, econômicos e sociais, com foco em ganho próprio. Esta lógica, potencialmente, se associa com um investimento exacerbado de energia no Eu, um movimento de autoprazer e autoerotização, que moldam as relações do sujeito consigo e com seus pares.

O autoerótico se torna a norma do mundo pós-moderno, onde o prazer momentâneo e frágil é valorizado, principalmente pela sua baixíssima latência. Latência essa que é cada vez menor, cada vez mais responsável e objetiva, atrelada a assertividade da fantasia de cada um. Como é pontuado por Freud (1911), a dificuldade de transpor o princípio do prazer para o princípio da realidade reside no fato da realidade “não se efetuar de uma só vez e simultaneamente em todos os pontos”. A baixa latência do mundo tecnológico apresenta-se cada vez mais clara quando associada à realidade de artifícios que a própria tecnologia pode oferecer no seu cerne, dentre elas a instantaneidade, simultaneidade, hiperexposição e agilidade (Barbosa *et al.*, 2013).

Estar amplamente conectado cria um constante impulso nos indivíduos em checar notificações, se atualizar dentro das redes sociais, se distrair como um todo através das diversas formas de entretenimento que são oferecidas, as quais operam de forma constante. A facilidade de acesso a tantas formas de prazer, com pouquíssimas forças opositoras gera no sujeito pós-moderno uma disposição geral a evitar a experiência

de intervalo entre desejo e satisfação. É postulado por Barbosa *et al.* (2013), através da leitura de Winnicott, que o sujeito necessita de momentos de integração subjetiva, "se ocupando de si para depois se ocupar do mundo". Esses momentos demandam harmonia e calma cognitiva, com diminuição de estímulos. Tendo em vista que a sociedade com a prerrogativa de constante mudança e aceleração prejudica a integração subjetiva, a instabilidade e a insegurança são potencialmente aumentadas.

A realidade imediatista coloca o sujeito em uma inércia e aceleração, as quais podem dificultar a experiência do sujeito em encarar suas angústias e elaborar suas próprias questões, e que ao se deparar com um mundo de distrações, geram sentimentos de satisfação frágeis, mas que são disponíveis a todo momento. O próprio regime de trabalho exige do sujeito uma aceleração das suas capacidades cognitivas para suprir as demandas impostas, o colocando condições de pobreza de tempo para articular internamente suas próprias experiências. Apesar dos efeitos possivelmente prejudiciais, não se pode excluir os benefícios que a tecnologia e informática permitem através dos elevados níveis de praticidade jamais vistos na humanidade e que proporcionam avanços na ciência, conecta indivíduos e cria realidades diversas (Barbosa *et al.*, 2013).

Veppo e Cedaro (2012) realizam o paralelo entre a busca de satisfações imediatas com o declínio da função simbólica paterna. No seu auge, a figura paterna delimita padrões socioculturais através de uma moral rígida, principalmente durante recortes do século XIX. Com a ascensão da pós-modernidade, o discurso rígido é gradativamente alterado para uma regência mais fluida e voltada menos para o bem-estar social e mais para o bem-estar individual.

O vazio provavelmente representa o sujeito contemporâneo de forma mais alegórica, ao apresentar de forma simbólica a experiência de um sujeito que busca de todas as formas preencher as lacunas emocionais que foram precarizadas pela falta de contato do mesmo com sua própria capacidade reflexiva e simbólica. Esse vazio é preenchido pelo consumo desenfreado, busca constante por formas de prazer desde a criação por pais que não apresentam o sentimento de falta a seus filhos. Esse processo acaba sendo um condicionamento para um sujeito que projeta constantemente a sua busca por completude no exterior, incumbindo objetos externos da responsabilidade pela sua obtenção de prazer, como é o caso da pornografia por exemplo (Veppo; Cedaro, 2012).

O sujeito se acostuma a alcançar satisfações importantes em sua vida sexual, o que segundo a psicanálise, influencia diretamente na construção do protótipo de comportamento. Tudo que o indivíduo precisa, reside dentro da sua própria casca de experiência, se retroalimentando de experiências individuais e se afastando da realidade externa. Essa expressão serve como claro paralelo para a postulação psicanalítica assim como a análise psicossocial, onde as 'cascas' do afastamento social permitem a impressão de isolamento, mesmo com a constante retroalimentação de meios midiáticos (Thá, 2011).

Essa condução voltada para o desenfreado autoprazer é reforçada através de uma realidade socioeconômica voltada para a venda consumível de felicidade e satisfação, em uma prática hedonista observável em diversas esferas sociais. O hedonismo implica na busca constante por prazer e felicidade, com negação constante a qualquer forma de sofrimento, e por isso, uma negação a várias instâncias da realidade. Uma das principais ferramentas de disseminação de ideologias hedonistas é a internet, a qual proporciona o compartilhamento de informações em um nível jamais visto pela

humanidade, dando acesso a diferentes tipos de conteúdo e informações específicas para cada sujeito e seus gostos, criando assim uma bolha virtual de interesses individuais que é alimentada durante todo período que o indivíduo passa online (Ceccarelli, 2015).

A busca incessante por prazer faz com o que o sujeito encarregue o Outro de oferecer formas de satisfação própria, iniciando assim um processo narcísico de generalização dos diversos indivíduos que convivem e retirando dos mesmos as suas alteridades, dando assim a imagem de um todo que tem a função de o satisfazer (Fortes, 2009).

2.5 O NARCISISMO E O CONTEMPORÂNEO

Em meio a discussão presente sobre o autoerotismo, torna-se pertinente tratar sobre a função que o narcisismo rege no processo de subjetivação, juntamente das suas influências na sociedade contemporânea. O narcisismo pode ser entendido a partir da necessidade de independência do sujeito que, frente aos efeitos de desamparo do Outro, busca satisfação em si mesmo. Novamente trazendo esse exemplo, um bebê que se encontra numa posição de completa dependência alheia para satisfazer suas necessidades e desejos mais básicos, tende a criar mecanismos que permitam o investimento de energia em si para assim obter prazer de forma independente, se colocando assim como objeto de desejo do próprio eu. Esse processo, intrinsecamente narcísico, é essencial para formação da subjetividade e diferenciação do meio, porém, também cria abertura para outros fenômenos a depender do seu desenvolvimento (Freud, 1914/2021).

O narcisismo, entendido como fenômeno, é amplamente presenciado em uma atualização de acordo com as novas formatações sociais. Como anteriormente citado, a sociedade vitoriana foi marcada por formas de autoritarismo e inflexibilidade, que se manifestam nos sujeitos neuróticos através de sintomas da ordem da repressão. Em contrapartida, a sociedade pós-moderna vai na direção da permissividade e abertura, gerando sentimento de vazio e queixas pertinentes a insensibilidade sobre o Outro e sobre o mundo, vistas principalmente no contexto clínico. Em meio ao desamparo de um mundo indefinido, basta ao indivíduo se colocar como objeto de investimento de si, em um movimento de regressão da energia colocada no mundo, buscando através disso adquirir um sentimento de plenitude, como colocado por Lazzarini e Viana (2010, p. 270):

Pensamos que o destino do sujeito hoje, em nossa sociedade, seria uma volta a si marcada pelo retorno à constituição da perfeição narcísica e a proteção e satisfação da vivência simbiótica com o objeto primordial alojado dentro de si.

A condução narcísica se estende pela sociedade através de um sentimento de insegurança generalizado, onde o sujeito corre riscos de solidão e impotência perante o mundo, com medo de uma invasão por parte do outro. Perante essas ameaças, Dunker (2015, *apud* Barbosa, 2021) utiliza como exemplo um sujeito enclausurado atrás de muros, se protegendo a todo custo dessas de invasões externas, o que o próprio autor intitula de “lógica de condomínio”. Essa elaboração elucida bem a condução geral de isolamento que o sujeito pós-moderno se coloca, em um movimento de medo perante ao externo, evitando todo e qualquer contato que coloque sua ordem individual em risco.

Nesse enclausuramento, resta a subjetividade contemporânea assumir a busca constante por autossatisfação, utilizando-se focalmente as relações interpessoais

para adquirir formas de exaltação da própria imagem através de um Outro. Nesse processo, os sujeitos perdem sua alteridade constitucional e assumem caráter de objeto a serem utilizados. Assim, o retorno narcísico representa uma forma de investimento em si, em “subjetividades autocentradadas” que se isolam do mundo de forma defensiva. Tal lógica se estende também para o nível da sexualidade em sua expressão mais clara da masturbação, que permite o indivíduo adquirir prazer de forma isolada, colocando o Outro como objeto a ser utilizado e potencializando o individualismo na experiência pós-moderna (Barbosa, *et al.* 2021).

De forma geral, o contemporâneo cria um terreno fértil para o crescimento e atualização de diversos sintomas inéditos. Nesse mundo acelerado, a vida assume um processamento individual pautado pelo medo em ser transbordado e colocados à mercê da subjetividade alheia, em uma competitividade que busca centralizar o próprio ego em ilhas de individualidade feitas nos moldes das fantasias mais inerentes de cada sujeito. Estar nesta lógica é se render fortemente ao princípio do prazer, em um ciclo autoerótico de busca por prazeres imediatos e constantes, porém, ao mesmo tempo com um caráter frágil e dissociado da realidade imediata (Barbosa, *et al.* 2021).

A ambiguidade do discurso social surge quando a masturbação é atrelada diretamente a pornografia, que por sua vez é vista como escárnio da sociedade em quesitos morais. Apesar disso, a pornografia demonstra como a sexualidade possui um caráter polimorfo muito além das questões biológicas que são disseminadas. A capacidade de erotização de imagens, textos, e entre outros objetos, é algo presente no processo de autoerotização e que se manifesta fortemente na masturbação como porta condutora principal, mas não exclusiva, para o consumo desses conteúdos. A pornografia também é consumida dissociada da masturbação, assim como a masturbação também acontece sem a utilização de pornografia (Neto, 2017).

O autoerótico ganha força ao permitir o sujeito ir de encontro com sua capacidade de simbolizar o sexual de formas diferentes, além de permitir a aproximação de fantasias e gerar um sentimento de independência do Outro mesmo quando sua presença se dá por imagens, como é o caso da masturbação. A teoria de Ceccarelli (2015) também aponta como a masturbação associada a imagens externas não pode ser de fato autoerótica, pois envolve a erotização em objetos externos. Essa teorização coloca em questionamento a associação constante da masturbação com a pornografia, aproximando o ato a uma prática com funções importantes para formação subjetiva, mas que é explorado em uma indústria que vende a suposta independência do Eu e preenchimento simbólico através do consumo, e que na verdade aproxima o indivíduo a adição e narcisismo vazio de relações genuínas com o mundo.

3 METODOLOGIA

A formulação metodológica de pesquisa precisa levar em consideração os múltiplos fatores que direcionam a elaboração do trabalho. Levando isto em consideração, o primeiro fator que delimita a pesquisa se propõe no objetivo, que neste caso é voltado para compreensão conceitual dos conceitos de autoerotização e masturbação pela via teórica psicanalítica.

Gil (1987) classifica esse escopo como pesquisa exploratória teórica, caracterizada pela busca por melhor esclarecimento de conceitos através de teorias preconizadas, buscando assim elaborar e criar hipóteses, com o objetivo principal voltado ao aprimoramento ou criação de novas formulações.

A pesquisa teórica, se articula com diferentes vias, sendo flexível e assumindo diferentes características, abordando assim delineamentos distintos que melhor aloquem as ideias atribuídas. O delineamento da pesquisa define a condução geral, englobando as formas de coletas e análise de dados, nomeados de procedimentos técnicos.

A revisão bibliográfica foi escolhida na formulação desta pesquisa, definida como a exploração de materiais teóricos já existentes, com coleta de dados exclusivamente bibliográfica, residindo em artigos, livros e publicações periódicas, em bases de dados como Pepsic e SciELO (Gil, 1987).

Foram utilizados artigos, monografias e livros de cunho acadêmico, os quais permitem o desenvolvimento teórico estipulado dentro do viés psicanalítico desde a sua constituição, mas também através de uma visão contemporânea. Assim, foram utilizadas literaturas clássicas como parâmetro de base clássica para construção da discussão teórica residindo principalmente nos escritos de Freud no início do século XX. A partir desta base, foram pesquisados artigos a partir dos últimos vinte anos, criando assim uma progressão teórica dentro da evolução contemporânea nesse recorte, utilizando também artigos dos últimos três anos para elucidação ainda mais atual.

A análise do conteúdo se aproxima do colocado por Laville e Dionne, em “A construção do saber: Manual da metodologia de pesquisa” (1999) como uma análise histórica, partindo das teorias já fundamentadas na psicanálise a partir de Freud e criando um quadro de evolução dos conceitos de autoerotização (autoerotismo), até as formulações contemporâneas apresentadas atualmente.

Sendo assim, torna-se viável a pesquisa bibliográfica que englobe o traçado conceitual de forma histórica e adequada às diferentes realidades, buscando oferecer esclarecimento quanto à possibilidade, colocada como hipótese de pesquisa, de o fenômeno de autoerotização ter sido potencializado pelos moldes sociais que valorizam o individualismo, gerando reflexos na busca do autoprazer, no foco em satisfações rápidas e a potencialização do Eu.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em meio a literatura explorada, alguns caminhos foram realizados para fundamentar conceitualmente a construção do autoerotismo como um fenômeno psicossocial, nascido à luz da teoria psicanalítica e que vem sendo acometido por diversas atualizações necessárias para adequá-lo à realidade contemporânea.

É exposto como o autoerotismo surge na subjetividade humana com o objetivo de permitir o sujeito conhecer seus próprios desejos e adquirir níveis necessários de independência externa. A masturbação entra como ato sexual nesse meio, sendo a forma principal do sujeito adquirir prazer através da sua própria constituição física, o que pode ocorrer em diversas partes do corpo. Apesar de ser um fenômeno muito necessário à constituição, foi demonstrado como o ato masturbatório sofreu repressões constantes por diversos motivos, sendo o principal deles a ordem moral de encaixar a sexualidade em padrões normativos.

Os estigmas em cima masturbação permanecem até a atualidade, porém, sofrem uma certa metamorfose ao se apresentarem associados a uma prática de consumo que foge inclusive ao critério autoerótico. A pornografia cria uma interface para a masturbação, agora pautada e voltada para o consumo de fantasias que tomam

formas de imagens e vídeos, aproximando o sujeito da obtenção de prazer desconexas da realidade imediata em si. O princípio da realidade oferece uma formação necessária ao sujeito, ao estipular limitações importantes de satisfação de desejos perante o mundo real. Porém, através da virtualização do sexual, a linha da realidade imediata se torna nebulosa, o virtual se torna mais atrativo do que o real, oferece prazeres específicos, imediatos e constantes, cabendo na palma da mão.

Apesar do atrativo que o mundo imediatista oferece, o indivíduo contemporâneo encara uma angústia pelo excesso desse mesmo prazer. O hedonismo experienciado na masturbação associada a pornografia gera impactos na constituição do sujeito. Foram exploradas pesquisas e formulações teóricas que expõem indivíduos, principalmente homens, que se sentem vazios perante a constituição de seus prazeres e das suas vidas cotidianas, e com dificuldades em se relacionar com outras pessoas. Esse efeito se torna claro ao ser associado com um narcisismo defensivo explorado no texto, o qual tenta de todas as formas proteger o indivíduo de um mundo externo abrasivo, que não respeita suas vontades mais profundas. O narcisismo então surge, também através da virtualização constante, como uma via de escape, a qual empodera a busca incessante de prazer, significa a competitividade constante já fomentada socialmente, e reduz o Outro a um objeto sem alteridade e que pode ser usado para valorização do Eu.

A angústia pós-moderna se difere das neuroses vitorianas vistas por Freud ao ser regida por uma sociedade amplamente fluída, diferente de uma configuração rígida e inherentemente patriarcal. O sujeito contemporâneo sofre com o esvaziamento de direcionamento e definições, é assim encarregado de definir-se perante uma sociedade que não fomenta as capacidades de reflexão e significação necessárias para esse autodescobrimento. Essa demanda é suprida através do consumo, onde o sujeito tenta preencher o vazio consumindo e adquirindo coisas.

Apesar da masturbação ser associada durante séculos a uma prática pecaminosa, a busca incessante por prazer fantasioso, como é na masturbação, continua sendo o foco nessa cultura de consumo. A divergência da crítica social se dá pela função econômica que o consumo autoerotizado permite, o qual é vividamente presenciado na utilização cada vez mais presente de redes sociais que apesar do nome, isolam o indivíduo em bolhas de interesses e satisfações virtualizadas, as quais são conduzidas por tecnologias feitas para entender onde se pode extrair o máximo de tempo possível de cada sujeito.

O autoerótico então se transforma em um artifício explorado pela lógica consumista, atrelando a masturbação ao consumo de pornografia de forma tão naturalizada, que se torna fácil esquecer as suas origens constituintes e sua importância na subjetividade. Sendo assim, torna-se necessário realizar a definição da função da masturbação de fato autoerótico como contato com o próprio corpo e sua independência perante o alheio.

Um novo critério de consumo é colocado entre o sujeito e seu desejo, onde o investimento acaba sendo nas fantasias absorvidas dessas produções como se fossem originais do sujeito, mas que na realidade foram feitas para fomentar o isolamento em prazeres individualizados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender o autoerotismo no seu cerne teórico se torna um desafio na contemporaneidade ao encontrar uma sociedade mergulhada nas mesmas óticas que

configuram esse importante estrutura. Investir energia em si, como exposto anteriormente, é constituinte do ser desde seus primeiros contatos com o mundo externo, e servem a sua devida função ao permitirem o contato do indivíduo com suas formações, seus desejos e individualidade, permitindo assim a diferenciação do Eu perante o Outro.

Apesar da sua expressa importância, o modelo social que preconiza o individualismo e a competitividade acaba por explorar estruturas basilares da formação subjetiva em prol do sistema. Como explorado no artigo, o mundo sai de um modelo rígido e vai em direção a fluidez, que por sua vez joga o sujeito em grande inconsistência e pobreza simbólica para de fato elaborar suas próprias formas, buscando agora uma definição no meio. Essa busca incessante faz o sujeito tornar-se coagido a se distanciar de seus pares, focar em formas de ganho e desenvolvimento próprio, além de cultuar suas próprias formas e constituições possibilidade de evitação do desprazer. Nesse meio, o narcísico é a norma empregada para as relações humanas, tornando-as uma equação em que o resultado esperado é a soma da pilha de coisas já consumidas.

A masturbação serve como alegoria para as relações humanas, as quais tornam-se gradualmente mais virtualizadas e unilaterais, focadas na maximização do prazer. A masturbação, em seu cerne, possui a função de permitir a parcial independência do Outro, o que é de enorme importância na formação. Quando atrelada a formas de consumo, como a pornografia no meio sexual, a masturbação assume um novo caráter de permitir ao sujeito o seu isolamento perante o mundo externo, preferindo assim uma forma satisfação que exija menos interações, simbolização e ações por parte do indivíduo.

A teoria psicanalítica precisa continuar evoluindo e atualizando seus conceitos para acompanhar as diversas transformações que o mundo tecnológico inflige na cultura, sociedade e relações humanas. As estruturas teorizadas e analisadas pela escola freudiana foram fundadas em um contexto cada vez mais distante da realidade atual, justamente nesse horizonte que a teoria se cria e permite evolução em direção a constituições relevantes para psicologia como um todo.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, R. **A fome da alma: psicanálise, drogas e pulsão na modernidade.** 2016. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-07022017-105533/publico/alencar_do.pdf>. Acesso em 1 de nov. 2023.
- BARBOSA, A. M. F. C. et al. As novas tecnologias de comunicação: questões para a clínica psicanalítica. **Cadernos de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 29, p. 59-75, dez. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952013000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 28 out. 2023.
- BARBOSA, C. G.; et al. Narcisismo e desamparo: algumas considerações sobre as relações interpessoais na atualidade. **Psicologia USP**, v. 32, p. e190014, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pusp/a/vhBxKSQmYWy8xDTnRWk7S3N/>>. Acesso em 28 de out. 2023.

BARROS, J. A masturbação nos livros didáticos de ciências: Uma análise a partir dos conceitos de biopolítica e dispositivo da sexualidade. **Revista Dialectus**, Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.ufc.br/dialectus/article/view/31004>>. Acesso em 2 de nov. 2023.

BAUMAN, Z.; DESSAL, G. **O retorno do pêndulo: sobre a psicanálise e o futuro do mundo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CECCARELLI, P. R. Sobre a virtualização do sexual. In: LOPES, A.; BARBIERI, C.; RAMOS, M.; BARRETO, R. (org.). **Conexões virtuais: diálogos com a psicanálise**. São Paulo: Escuta, 2017. p. 153-172. Disponível em: https://www.ceccarelli.psc.br/texts/ceccarelli_sobre-virtualizacao-sexual.pdf. Acesso em: 10 abr. 2023.

COSTA, E. R.; OLIVEIRA, K. E. A sexualidade segundo a teoria psicanalítica Freudiana e o papel dos pais neste processo. **Itinerarius Reflectionis**, Goiânia, v. 7, n. 1, 2012. DOI: 10.5216/rir.v2i11.1239. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/rir/article/view/20332>. Acesso em: 15 abr. 2023.

FARIAS, A. et al. Errâncias da sexualidade: os encantos mortíferos da adicção. In: CONGRESSO NACIONAL DE PSICANÁLISE, XI, 2015, Campina Grande. **Anais** [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/10620>. Acesso em 16 de out. 2023.

FORTES, I. A psicanálise face ao hedonismo contemporâneo. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 9, n. 4, p. 1123-1144, dez. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000400004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 02 nov. 2023.

FREUD, S. Introdução ao narcisismo. In: FREUD, S. **Obras completas: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, v. 12, 2010.

FREUD, S. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). In: FREUD, S. **O debate sobre a masturbação**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, p.183-193, 2010.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905). In: FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, p. 13-172, 2016.

GIL, A. C. Como delinear pesquisa bibliográfica? In: **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008, p. 59-76.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. Das informações à conclusão. In: **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 197-231.

LAZZARINI, E; VIANA, T. Ressonâncias do narcisismo na clínica psicanalítica contemporânea. **Análise Psicológica**, v. 28, n. 2, p. 269-280, 2010. ISPA – Instituto Universitário. Disponível em: https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/6146/1/2010_28%282%29_269.pdf. Acesso em 28 out. 2023.

MASCARENHAS, G. **Pornografia e psicanálise: ensaios sobre o pornô na cultura do espetáculo**. 2022. 115f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/67f4eef6-2794-48b7-aff3-49a9e8c32baf/content>. Acesso em 3 de nov. 2023.

NETO, A. **Pornografia na cultura virtual: Considerações psicanalíticas sobre devaneios eróticos na rede mundial de dados digitais**. 2017. 108f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017. Disponível em: <https://ppgp.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/Turma%202014/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Alberto.pdf>. Acesso em 28 de out. 2023.

NETO, A. R.; CECCARELLI, P. R. Internet e pornografia: notas psicanalíticas sobre os devaneios eróticos na rede mundial de dados digitais. **Reverso**. Belo Horizonte, v. 37, n. 70, p. 15-22, jun. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952015000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 jun. 2023.

PINTO, S. A; PACHECO, J. A; PRADO, C. A noção da masturbação no pensamento de Sigmund Freud. **Revista científica da UMC**. Mogi das Cruzes, v. 7, n.2, 2022. Disponível em: <http://seer.umc.br/index.php/revistaumc/article/view/1818/1246>. Acesso em: 15 de jun. 2023.

RESENDE, I. **Pornografia, adicção e psicanálise: uma interface entre cultura e inconsciente**. 2023. 63f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2023. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/prefix/16626/1/Isabella%20Rocha.pdf>>. Acesso em 29 de out. 2023.

ROUDINESCO, E; PLON, M. **Dicionário da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SALZTRAGER, R. Os paradoxos da fantasia. **Interações**, São Paulo, v. 11, n. 21, p. 79-96, jun. 2006. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072006000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 jun. 2023.

STACECHEN, L. F.; BENTO, V. E. S. Consumo excessivo e adicção na pós-modernidade: uma interpretação psicanalítica. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 20, n. 2, p. 421–435, jul. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922008000200009>. Acesso em: 15 jun. 2023.

THÁ, F. Vícios privados: Sobre o conceito de masturbação em Freud. 2011. Santa Catarina, nov. 2011. Disponível em https://www.academia.edu/download/37868884/Vicios_privados.pdf. Acesso em 01 nov. 2023.

VEPPO, F.; CEDARO, J. J. A clínica psicanalítica na era do vazio. In: CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE, XIX, 2012. Anais [...]. 2012. (Apresentação de trabalho em congresso). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/324695022_A_Clinica_Psicanalitica_na_Era_do_Vazio. Acesso em 30 out. 2023.